

2.2 - O que é um centro cultural?

Segundo Rivitti (2014) centros culturais são geralmente entendidos como espaços de convivência onde acontecem exposições, atividades didáticas, palestras, apresentações musicais entre outros programas. É cada vez mais frequente a inclusão de lojas, cafés e livrarias em suas instalações.

Milanesi (1997), sustenta que os centros culturais, tais como conhecemos hoje, seriam uma evolução normal das tradicionais bibliotecas. Neste contexto, o acervo tradicional composto por documentos em papel e coleções bibliográficas foi superado e o papel das estruturas envolvidas no processo informacional foi alterado substancialmente. As mudanças geraram a necessidade de um novo modelo que substituísse as antigas bibliotecas. Os centros culturais surgiram como um modelo alternativo, que foi sendo desenhado e experimentado em diversos lugares do mundo.

“O Centro Cultural Georges Pompidou, em Paris, que é uma biblioteca repensada e expandida, foi o elemento provocador que estimulou a criação de centenas de centros culturais. O resultado disso é que passou-se a identificar os centros de Cultura como uma novidade, quando de fato ele, majoritariamente, é a evolução normal das milenares bibliotecas” (MILANESI, 1997, p. 109).

Mas a verdadeira origem destes espaços, aponta para um modelo de complexo cultural existente na Antiguidade Clássica, do

qual a Biblioteca de Alexandria seria o mais conhecido. Onde se constituía de um complexo cultural formado por palácios reais que agregavam diversos tipos de documento com o objetivo de preservar o saber existente na Grécia Antiga nos campos da religião, mitologia, astronomia, filosofia, medicina, zoologia, geografia, etc. O espaço funcionava como um local de estudos junto a um local de culto às divindades e armazenava estátuas, obras de arte, instrumentos cirúrgicos e astronômicos. O complexo também dispunha de um anfiteatro, um observatório, salas de trabalho, refeitório, jardim botânico e zoológico. Os centros culturais contemporâneos significariam, assim, uma retomada destes antigos modelos (MILANESI, 1997).

Na história do Brasil teve também as caravelas de Pedro Álvares Cabral que trouxeram consigo os jesuítas responsáveis por catequizar os índios, esses utilizavam de cantos, livros e teatros, como instrumentos de produzir e proliferar o conhecimento. Os colégios da Companhia de Jesus, os mosteiros e conventos eram praticamente os únicos centros de leituras e discussão, pode-se então identificá-los como os primitivos “centros culturais”. A vida cultural brasileira sustentou-se na base formada pelas entidades da tradição europeia trazidas pelos colonizadores. A biblioteca, o teatro e o museu podem, juntos ou isolados, ser identificados como Centros de Cultura (MILANESSI, 1997).

No Brasil, só na década de 70 que se começa a pensar em “Centros de Cultura”, a fim de se discutir e intensificar seu uso como instrumento de “ação cultural”. Assim, a ação cultural se define além da

REFERENCIAL TEÓRICO

área específica de trabalho, ensino e pesquisa, constitui-se também das técnicas e conhecimentos, a fim de administrar o processo cultural e promover uma distribuição mais equitativa da cultura (COELHO, 1989).

O auge dessas instituições acontece nos anos 1980 e 1990, após o surgimento das leis de incentivo fiscal e leis que estimulam a ocupação de prédios para preservação do patrimônio histórico e de áreas centrais da cidade. Em âmbito internacional, assistimos, nesse mesmo período, a um movimento de expansão dos museus, ligado, em geral, à espetacularização da arquitetura (RIVITTI, 2014).

É possível identificar ao longo da história três momentos distintos da ação cultural. No primeiro momento foi o processo contrário da ação cultural: a instituição, o tempo do museu, por exemplo. Onde se armazenava as obras, para preservar os “bens culturais da humanidade”. Assim o que se tem valor é um bem, um objeto. Num segundo momento se pode falar em ação cultural, quando as instituições culturais passam a preocupar-se com o contato das

pessoas com a cultura. A atenção se desvia da obra para o homem e seu grupo ou comunidade, assim com o coletivo. No terceiro momento, os espaços culturais ou casas de cultura, procuram abrir zonas de desenvolvimento para o indivíduo, local de cultivo e desenvolvimento individual. (COELHO, 1989).

Na análise do conceito de “ação cultural” “ação” é o agente, o que gera um processo, “a mola que faz a cultura andar”. No Brasil, se deve apostar com firmeza na ação, para as pessoas terem possibilidades e condições para inventarem seus próprios fins, e construir uma cultura política e organização social durável. O centro de cultura passa a ser, assim, um agente cultural, “ele mesmo não cria, cria oportunidades para os outros”. É então o desafio do agente cultural criar apenas as condições para que outros façam. Passando por várias esferas, que se fundem em um único destinatário, um projeto que coordene todas as atividades, que para o qual convirjam as ações e que sejam posto em prática (COELHO, 1989).

Biblioteca de Alexandria construída no século III A.C. atualmente em ruínas



Catequese aos índios 1500



Centro Georges Pompidou 1977



Imagem 10: Linha do tempo de lugares destinados a manifestações culturais.
Fonte: Autora, 2014

REFERENCIAL TEÓRICO

Os Centros Culturais são distintos entre si, pois geografia, sociedade e histórias diferentes pedem espaços culturais diferentes. Todos terão Bibliotecas, teatros e museus, mas com formas e necessidades do local, assim diferenciando-se na forma e função, portanto a formação social é importante para delinear uma política de cultura, incluindo as formas e funções dos espaços a ela destinados, onde cada região apresenta seu perfil, formado no tempo. Um exemplo é o fluxo de imigrantes em especial italianos e alemães ao Brasil, o que foi importante em termos culturais e de contribuição desses imigrantes para nossas vidas (MILANESI, 1997).

Deve-se, então, ter uma discussão entre arquitetos, agentes culturais e setores interessados da população com o objetivo de estabelecer o perfil de um Centro Cultural, com espaços que possam contar com ações e atividades participativas envolvendo o coletivo, e com programas que atendem a todos os segmentos da sociedade. Com a perspectiva de criar e repartir. Os espaços que não houver essas ações correm o risco de ser monumentos mudos, sem destino e sem identidade. Um bom exemplo é o Centro Cultural Georges Pompidou (Beauborg) já citado anteriormente, onde gerou esse grande impacto, tanto pela arquitetura quanto por suas ações culturais, atividades que dão ao público prazer de frequentar o centro (MILANESI, 1997).

Os centros culturais, então, são espaços públicos e devem fazer com que a comunidade se sinta responsável por ele, onde cada membro da comunidade possa se relacionar e se identificar com o

ambiente (HERTZBERGER, 1999).

Estes espaços voltados à cultura, passam a ser importantes para cidade, pois são espaços que possibilitam encontros e discussões culturais, e de manifestações artísticas, sendo ambientes livres para toda sociedade, gerando assim um espaço de troca de diferentes visões culturais de indivíduos de uma mesma cidade e cultura, fazendo com que a identidade cultural local se fortaleça.